

Homenagem ao Dr. Júlio Mesquita

Por DARCY LEAL COSTA

57

VIDA E OBRA

Um fato comum — 18 de agosto de 1862 — nasceu em Campinas uma criança, JÚLIO CÉZAR FERREIRA MESQUITA, no futuro um dos vultos da "História do Brasil". —

De descendência portuguesa — Trás — os — Montes — eram seus pais Francisco Mesquita e Maria da Conceição Ferreira Mesquita.

Seu avô foi o Capitão Monteiro que já viera ao Brasil acompanhando D. João VI. Aqui distinguiu-se. Regressando com a corte, na luta pela sucessão de D. João VI, tomou o partido de D. Miguel. Com o exílio deste toma uma resolução: voltar ao Brasil. Comunica à família que se recusa. O capitão sentindo-se atingido como chefe de família e em suas convicções miguelistas proíbe os filhos de continuar usando seu nome. Sendo de origem plebéia apaixonaram-se por uma moça da aristocracia e a sua união foi construída sobre dramas. —

Sim, a firmeza das próprias convicções, a força de vontade, suas decisões rífas formavam-lhes os temperamentos — eles venceram e essas energias se refletiram mais tarde em Francisco Mesquita. —

Com consequência do desterro de D. Miguel veio o de seus partidários. —

Chegado ao Brasil, casou-se Francisco de Mesquita com Maria da Conceição Ferreira; da união nasceu Júlio César de Mesquita. — No ramo comercial começou a prosperar o sr. Francisco; depois mudou-se para Santos e com José Alves de Cerqueira César, sogro do filho fundou uma casa comissária. Dedicou-se ainda à agricultura, em Jacutinga. Mais tarde fixou-se em Itapira onde faleceu. Esse homem de iniciativa e férrea força e vontade foi o pai de Júlio Mesquita. Este herdou como era natural as grandes qualidades paternas, e no seio dessa família que formou sua personalidade e caráter. —

FORMAÇÃO CULTURAL

Inicialmente estudou em Campinas na Escola Malaquias Guirlanda; terminou os estudos primários no Colégio Internacional. Estudou Humanidades ainda em Campinas, no famoso colégio Culto à Ciência, fundado e dirigido por Antônio Pompeu de Camargo. Em 1878 matriculou-se em São Paulo na Faculdade de Direito, donde saiu bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. —

Na época, São Paulo era uma cidade provinciana, iniciava-se apenas a expansão cafeeira e a vida intelectual circunscrevia-se em torno do Convento São Francisco e circunjacências. Aí Júlio Mesquita começou a entrar em contacto com a vida nacional e moldou suas convicções. Assistia às aulas, mas não com muito interesse. Sua inteligência não encontrava encanto no "Corpus Juris". A ansia de saber levava-o a procurar no movimento intelectual da época o estudo das ciências e da literatura positiva. Procurava dar razão as suas tendências estéticas e responder as próprias questões filosóficas. Interessava-se pelas questões científicas e segundo ele se não fossem determinados motivos, seria médico, pelas maiores oportunidades que oferecia à formação de

uma cultura em bases científicas. Influenciado era pelas épocas em que as descobertas científicas mereciam levar o pensamento para o caminho da institucionalização. Conhecida as teorias darwinistas. — Leu sobre a Filosofia positiva de Montpelier e muito aprendeu da leitura. Leu os principais historiadores e escritores da época. — Cria no poder formativo das ciências experimentais. Porém encarando lícitamente os fatos pensa Júlio Mesquita Filho que não era essa a sua vocação; era apenas resultado da compreensão da paupérrima cultura paulista e quicá brasileira. Mesmo para a carreira jornalística julgava as ciências experimentais mais capacitadas a citadas as fornecer melhores substâncias. Eram essas idéias mais o reflexo da precária cultura brasileira do que as suas tendências. O que modelou a sua inteligência foi uma grande cultura clássica. Em Renau que se tornou seu mestre, muito aprendeu. A clareza, espírito de sistema, a independência de julgamento, equilíbrio na exposição das idéias, tudo assimilou. Nas leituras de Renau estavam as maiores fontes de aprendizados para a sua carreira jornalística. Porquê apreciava Renau de tal modo? Porquê nele se sentia realizado, porque sentia que suas idéias se coordenavam, se entrelaçavam. Em Júlio Mesquita talvez pensássemos encontrar um completador da obra de Nabuco, enriquecendo a literatura nacional com reflexões sobre os acontecimentos, que tiveram por palco o Brasil, até a campanha civilista. —

Tôda vida se bateu pelas idéias da mocidade, indo buscá-las em Vitor Hugo e naqueles que jamais se conformaram com a escravidão humana.

LIBERDADE!

Quando foi proclamada a república era jovem ainda Júlio Mesquita, e nada mais natural do que a sua aderência ao movimento renovador, ou melhor, a sua opção pela república. Foi como toda a juventude da época influenciado pela cultura francesa. Na verdade, as ciências eram pouco desenvolvidas; esqueciam-se disso, dos 95% de analfabetos, o fato das regiões inabitadas, ou então enfim o pouco progresso brasileiro. Mas era algo de novo, e não seria normal se ele estivesse afastado do movimento.

Assim, as suas primeiras e introspectivas convicções, jamais esmoreceram. Seria um legítimo defensor da república. Isso não impediu que manifestasse, que participava do mesmo sentimento daqueles que traduziam profunda desilusão.

Amante da França de seu tempoo, tinha grande admiração pelas figuras de Gambetta, Waldeck e Roussea; aprendeu a admirar a fé inquebrantável nas virtudes da república. Nêles a coragem de enfrentar o nacionalismo, que arrastara o país à crise moral originada no caso Dreyfus. Na França Júlio Mesquita seria um radical. No Brasil permaneceria um liberal convicto. Não lhe chamavam atenção os sistemas rígidos, desconhecia a doutrina marxista mas meditara as obras de Proudhon, nela via muito de utópico. Formou junto aos que buscavam dirigir a nação brasileira aos seus próprios destinos.

MESQUITA E A REPÚBLICA

Formou-se em 1883 e casou-se no ano seguinte com Lucília de Cerqueira César, filha de ilustre paulista e republicano. Voltou a Campinas onde procuraria iniciar-se na advocacia. Não lhe seria difícil, pois gozava de grande prestígio. Porém, atraía-o mais o campo das questões nacionais. Na "Gazeta" de Campinas, logo se revelou, pelo espírito combativo e estudioso. Aceitou pouco mais tarde um cargo de vereador na Câmara Municipal de Campinas. Em 1886 voltou a São Paulo e proclamada a república foi ocupar a secretaria do governo Provisório. Aí permaneceu até 1890, ao lado de Prudente de Moraes; porém estas funções não o impediram de continuar sua carreira jornalística no "Estado" para onde estrara em 1887. —

Em 1890, nomeava-o Prudente de Moraes, um dos nove intendentos. —

Duas carreiras se lhe afiguravam: a jornalística e a política, que o levava a ocupar alguns cargos eletivos. Desenvolveu intensa ação na defesa do regime das suas instituições na Revolução Federalista quando ao lado do sogro, vice-presidente do Estado, que apoiava a ação de Floriano Peixoto, auxiliado pela opinião pública e pela força policial. —

Pouco depois, 1894 preparava-se a nação para eleger o seu 1.º grande presidente civil — Prudente de Moraes. A este sucedeu Campos Salles. E com esse advento criava-se a mais séria crise do novo regime e provocava-se o horizonte — o Brasil não estava preparado para a democracia, nem na sua forma mais simples. — a república. —

Um manifesto à nação lançado pelo Partido Republicano dissidente de São Paulo descrevia Júlio Mesquita a situação: "Que a missão do Partido Republicano era cada vez maior, mais cheia de responsabilidade, compriam-lhe velar pelas instituições, o que não acontecia, pois o Partido Republicano estava-se desorganizando e afastando das velhas normas do partido". A cisão do partido resultou uma nova organização que acrescida em seus elementos, colocou-se ao lado do chefe da nação, e colaborou sempre. E quando da proximidade das novas eleições, escolheu um candidato que fosse continuador da obra anterior. E foi escolhido um ilustre paulista, que nas eleições foi eleito. Infelizmente só trouxe desilusão. Em um manifesto disse da formação de dois partidos, como um dos mais promissores benefícios à causa pública. Esqueceu-se também o presidente, do partido que o elegeu e começou a desorganizá-lo. E tentou organizar o seu partido. Procurou introduzir a governança dos estados, candidatos seus; não importava o número de votos recebidos por eles. E o Partido Republicano sofria. Mas essa preponderância do presidente na vida partidária, determinou uma nova atitude. Se, acaso, os episódios horríveis de evolução sul-americanas, se passassem mais próximos de nós não alimentariam os idealistas a mesma confiança na grandeza do regime por que lutavam. A luta pelo poder, do outro lado dos Andes, se não fôra a monarquia, nos levaria às mesmas consequências a que conduziu os hispano-americanos. A falta de recuo no tempo não lhes permitiu abranger o Brasil no conjunto, para formação de um juízo sobre o governo que melhor conviria ao nosso país. Isto é o que nos ensina a república brasileira, pois a monarquia evitou o candilismo do sul.

Júlio Mesquita nunca criticou a monarquia. A sua isenção de ânimo quando do julgamento dos fatos histó-

ricos, fê-lo respeitar as obras monárquicas. Mais um traço de seu magnífico caráter. —

Não se pode completar uma biografia sua sem a transcrição do programa com que se apresentou o Partido Republicano Dissidente de São Paulo. —

1 — Voto livre e instrução pública — era necessário extinguir-se a fraude — voto nominal. Ainda o Partido deveria lutar pelo aperfeiçoamento da organização da instrução, para sua democratização restringindo a ação direta do governo sobre ela.

2 — a reforma judiciária, pela qual se resolveriam diversos problemas; secundada pela criação do Tribunal de Contas (O partido ainda consumiria a responsabilidade de defender a Constituição de 24 de fevereiro).

3 — uma nova idéia — a eleição indireta do presidente, para evitar as crises políticas, como acontecimentos anteriores. —

4 — Supressão do cargo de vice-presidente e a proposta de uma inovação comparecimento dos ministros ao congresso; e ainda outras reformas de âmbito legislativo.

5 — Nacionalismo sadio em matéria de comércio e transporte, insto é, competência da União para decretar selos e taxas. Ainda a revogação do artigo 13 da Constituição, é que era contratário, se bem que sua intenção fôsse louvável, ao rápido progresso no referido setor. —

6 — declarava ainda, no terreno social, que a intenção do Partido era também conceder garantias e procurar a prosperidade do proletariado tomara medidas que condissessem com as necessidades. —

7 — afirmava Júlio Mesquita que a indústria agrícola mereceria esforços do partido, no sentido de auxílios que reanimassem a lavoura. Além disso a criação de cooperativas.

8 — dar-seia combate aos abusos, já que haveria maior rigor na política econômica-financeira. Esse era o programa, e essa política defenderia sempre na sua carreira jornalística. Porém os fatos demonstrariam que nem São Paulo nem o Brasil eram capazes de compreender o manifesto. Essa não seria porém a política do Partido para cuja fundação concorrea.

O nosso meio coltural não atingira o nível necessário para se organizar democraticamente. A libertação dos escravos em 188 não somente retardou, mas impediu que esse nível fôsse atingido mais rapidamente, assim como a corrente imigrante.

Isso veio contribuir para o arrefecimento de alguns dos ideais e tornaria a população insensível às solicitações do Partido e a tentativa malograria. A política far-se-ia dentro de quatro paredes. Júlio Mesquita compreendeu, quando se retirou da república. O grupo dissidente faria esforços inúteis para voltar, no intuito de manter viva a chama democrática. O combate não fôra de todo inútil, pois o manifesto do Partido daria a São Paulo a honra de ser o único Estado da União a não se manter indiferente a compreender o golpe desferido nas instituições pelo governo.

Os presidentes se sucederam, Jorge Tibiriçá subiu ao poder em 1904. Tentou estabelecer a unidade do Partido, pois não era desconhecedor das vantagens de contar em seu governo com os homens que obedeciam a Prudente de Moraes e Cerqueira César.

Júlio Mesquita estava na Europa, onde, após o falecimento de uma filha, se encontrava em repouso, devido ao golpe sofrido. Recebeu o telegrama em que os compa-

nheiros lhes transmitiam os propósitos conciliatórios; desapontou-se, relutou, mas concordou.

Ainda nessa época, chegou à hospedaria em que estava, o rei D. Carlos, acompanhado de um velho amigo de Júlio Mesquita, o Conselheiro Camelo Lampreia que o apresentaria ao monarca. Tornaram-se grandes amigos. Palestravam sobre todos os assuntos sobre o Brasil sua história e problemas. Ficou então assentada a vinda de D. Carlos ao Brasil, sonho que havia muito o monarca acalentava e da qual esperava adviesse grandes benefícios a Portugal. D. Carlos convidou Julio Mesquita para fazer parte da sua comitiva. O convite foi aceito. Não se realizou porém a visita, devido a crise em que se debateu Portugal e que teve como consequência a república e a morte de D. Carlos e do príncipe herdeiro.

Júlio Mesquita voltou ao Brasil em 1906. Foi eleito deputado, ocupou a liderança da Câmara. Nunca se submeteu à disciplina da Igreja Católica, mas sempre lhe reconheceu o guia espiritual da humanidade e então defendeu um projeto de lei concedendo Cr\$ 500.000,00 para a construção da Catedral de São Paulo.

Permaneceu vários anos nesse cargo da Câmara dos deputados. Seria no desempenho dessa, missão que o viariam encontrar os fatos que agitaram a nação, quando da morte de João Pinheiro que era o escolhido para suceder Affonso Penna. Desencadeou-se a crise sucessória.

A CAMPANHA CIVILISTA

Foi sem dúvida Júlio Mesquita o primeiro a enfrentar os acontecimentos. Todo ele lançou-se decididamente na luta contra mais esse atentado à essência do regime republicano.

Affonso Penna lançara para sucedê-lo a candidatura do ministro da Fazenda. Consultado pelo presidente, Rui Barbosa não a aceitou, em nome dos princípios pelos quais Júlio Mesquita se batia. Foi então que a corrente de Pinheiro Machado no desejo de reabilitação, repeliu também a solução do presidente.

Neste momento, um grupo do Exército, no ímpeto de militarismo lançou o nome do Ministro da Guerra. Foi o bastante para que Júlio Mesquita alteasse mais uma vez sua voz pelo fortalecimento do poder civil.

Essa tese foi a base da luminosa campanha em perfeita identidade com Rui Barbosa. Dêse desassombro de Júlio Mesquita, colocando-se ao lado da solução civil, resultou a atitude de Albuquerque Lins. Expôs seu ponto de vista na Convenção Nacional em 23 de agosto. "Votar pela República Civil", deveria ser o lema de todos os brasileiros. E, ainda então, São Paulo comandaria as afirmações democráticas e se colocaria ao lado da candidatura de Rui Barbosa.

Iniciava-se a Campanha Civilista. Foi o mais belo movimento cívico da História Política, êsse de 1909 e 1910.

Saindo à luta, os dois grandes líderes acabaram por provocar verdadeiras revelações do ímpeto com que se processava o despertar cívico na imprensa, na Câmara e Senado e até na praça pública.

E o Brasil revelou-se a si mesmo e enriqueceu os anais da sua história, não só política mas moral e intelectualmente.

E a nação de norte a sul se recusava a aceitar o militarismo. E ocorriam para ouvir Rui Barbosa. Porém os governantes tinham pensamentos diversos e iniciaram outro tipo de fraude — as intervenções nos Estados. Venceu o caudilhismo; para que no país, esquecendo-se da preservação dos princípios que se devia à monarquia se

tornasse semelhantes às repubbliquetas Hispano-americanas.

As intervenções desencadeados pelo Exército fizeram com que a mocidade militar se revoltasse e se recusasse ao papel de "capanga" da política nacional.

As "soluções" se iniciaram em 1910 quando foi deposto o governador de Niterói. E as citadas "soluções" foram empregadas em Pernambuco, no Amazonas, na Bahia, Ceará. Fêz-se a desordem. Integrou-se no caudilhismo. Asnas davam um aspecto de ordem ao país, a voz de Rui Barbosa no Senado, alguma resistência que se apagava e Júlio Mesquita no jornalismo. —

Em São Paulo quando da campanha sucessória, dispunha-se Júlio Mesquita a indicar ao Partido Republicano de São Paulo o nome de Carlos Guimarães e contava com a aceitação do Partido. Quando uma manhã surgiu-lhe um grande amigo, Olavo Egídio de Souza Aranha, que lhe ia comunicar as apreensões do Partido. Disse-lhe Olavo Aranha, que os homens de São Paulo não podiam deixar acontecer aqui, o que acontecia em outros estados; que a intenção era aceitar o nome proposto por ele, Julio Mesquita, para a sucessão. Diante da gravíssima situação pedia o Partido que aceitasse a substituição do seu candidato pelo sr. Rodrigues Alves. Júlio Mesquita aceitou a sugestão, advertindo porém ao amigo "que assinava o atestado de óbito dos seus amigos na política de São Paulo". —

Rodrigues Alves foi aceito e deu a vice-presidência a Carlos Guimarães. Porém não perdoou a Júlio Mesquita o destemor quando da campanha sem quartel e quando da nova sucessão rompeu com Carlos Guimarães.

O incidente teve graves consequências; subiu ao poder Altino Arantes. Não concordando com isso a Dissidência rompeu com o Partido Republicano de São Paulo. E pela segunda vez se viu a política paulista desfalcada. —

Depois de alguns anos, quando da sucessão presidencial, o nome de Rui Barbosa era o mais cotado para se tornar o candidato oficial. Contudo Oscar Rodrigues Alves, secretário do interior, em nome do Estado vetou o nome de Rui Barbosa e indicou Eptácio Pessoa. —

Alguns anos mais tarde calou-se o águia de Haia — Rui Barbosa. Entretanto antes de sua morte levantar-se-ia na Campanha da sucessão e pronunciaria algumas de suas mais belas orações nas quais renovaria o argumentos contra a fraude e outros abusos. — Júlio Mesquita não lhe faltaria, verberaria a defecção dos homens públicos ao compromisso na primeira campanha civilista. Conseguiu para Rui a vitória em 18 municípios.

E a vós de Rui Barbosa sucedeu o trovoar dos canhões. A oficialidade do Exército extinguiu-se aos poucos. E o epílogo dos acontecimentos irrompido em Pernambuco foi nova deposição do governador legal. —

Quando alguns integrantes do Exército Federal assassinaram em Pernambuco, o Dr. Thomas Coelho, que nada tinha com os acontecimentos, revoltaram-se os jovens oficiais, enviando um telegrama de protesto ao ministro da Guerra. Vários integrantes do Exército foram presos. Foi então que os "Dezoto do Forte de Copacabana" — saíram à praia para lavar a desonra infligida ao Exército Nacional:

Os caudilhos continuaram a mandar. Consolidava-se o poder que em 1930 se estenderia por todo o país, sob a chefia de Vargas. Depois de uma greve de quartéis, tudo se normalizou. Porém reacender-se-ia, a chama sus-

tentada em São Paulo por Júlio Mesquita e Rui Barbosa em 1923 no Rio Grande do Sul em 1924.

MESQUITA E A REVOLUÇÃO RIOGRANDENSE

Em 1923, no Rio Grande do Sul o Partido Libertador levantaria a bandeira que servira de símbolo aos "Dezoito do Forte da Copacabana".

O povo do Rio Grande não havia sofrimento de uma intervenção no governo, mas preparava-se Borges Medeiros, o ditador, para reeleger-se pela 5.ª vez governador do Rio Grande, sem levar em conta a Constituição. Depois de outra fraude, foi eleito. Diante da posse de Borges de Medeiros e do fracasso das negociações levantaram-se os libertadores. Durante as lutas pelas páginas do jornal do qual era diretor bateu-se pela democracia gáucha. Já era tempo de acabar com os abusos, de que o Rio Grande se tornasse um estado como os outros e não uma região semelhante às repúblicas Hispano-americanas. Os artigos de Júlio Mesquita calaram fundo no espírito nacional e republicano. —

Em 1923 houve a decisão do Partido Republicano no qual Júlio Mesquita teve a oportunidade de demonstrar a sua isenção, quando se tratava de defender as boas causas. Em vez de comodamente permanecer ao lado do governo de Washington Luiz, pôs-se à pena contra ele, ao lado dos seus adversários como bom paulista e democrata, tudo porque os candidatos aceitos foram impugnados. Em seus artigos bem a demonstrava. Júlio Mesquita, encerrando-as com a frase: "isto não é República, ou melhor, a República não é isto". —

Entretanto alastrava-se o espírito de revolução. E apesar de tudo o que Júlio Mesquita tentou fazer o movimento estorou no dia 5 de julho de 1924, quando as tropas tomaram conta da capital. —

O "Estado" continuou a circular, apesar do fogo rebenhou, ao contrário de outros jornais que se acovardaram. Durante três dias parou o troar dos canhões. Júlio Mesquita regressou de Campinas e concordou com a decisão de fazer circular o jornal. Após a retirada das tropas estabeleceu-se o regime da brutalidade. Os revolucionários venceram, a população abandonou a cidade, o General Isidoro Dias Lopes, teve como um de seus primeiros atos fazer um convite a Júlio Mesquita para uma entrevista. O convidado não foi, mas mandou em seu lugar, Júlio Mesquita Filho, ao qual recomendou, o que se lhe fossem renovadas as propostas que Joaquim Távora já lhe fizera, se recusasse em seu nome alegando as suas convicções civilistas. —

Foi o que aconteceu, apenas o General revolucionário permitiu a Júlio Mesquita que desse em suas colunas do "Estado" a sua opinião; deu-lhe assim a liberdade de pensamento e expressão. —

Assim continuou a sair à rua o "Estado" e o general manteve sua palavra. Alguns dias depois retirou suas tropas e marchou para as margens do Paraná. —

Voltaram a São Paulo os homens da situação. Porém, algo mudara; o povo tomara consciência do momento nacional. O general Isidoro retirara suas tropas, mas deixara atrás de si um povo convencido da belíssima tarefa por eles executada. —

Porém continuaram os erros do situacionismo.

Júlio Mesquita era prêso e enviado ao Rio de Janeiro. A Liga Nacionalista foi dissolvida por um decreto da Presidência da República. Entretanto, nada mas foi do que a situação que esperava aguentada para se levantar

e fundar um partido que sintetizasse os ideais que fizeram Rui Barbosa e Júlio Mesquita comandar a campanha civilista.

Surge o Partido Democrático, e Júlio Mesquita empregou todo seu ardor e energia em função do Partido; contribuindo ainda com seu prestígio e experiência. Completava assim sua vida democrata e republicano, participando da fundação do partido que daria forma política aos levantes de 5 de julho. Contudo pela sua experiência compreendia que era um "movimento profundo cujo epílogo ainda estava longe de esboçar-se". Via com pessimismo o futuro, temia para o Brasil as repercussões do drama europeu. —

Morreu em 1927, antes que se desencadeasse a 2.ª Grande Guerra Mundial. —

"No escrever e nas atitudes foi um ático" (J. M. Filho) e viveu para servir a democracia. —

MESQUITA E O ESTADO

Júlio César Ferreira Mesquita teve seu nome no jornal pela primeira vez no "Estado", que tinha o nome de "A Província de São Paulo", em 26 de novembro de 1875; era uma curta notícia sobre a sua aprovação com um companheiro nos exames realizados no Colégio Culto à Ciência de Campinas. (o melhor do país).

Como colaborador da "Província" iniciou-se em princípios de 1885, e trazia como "referendum" um bom currículo jornalístico. —

NASCE O JORNALISTA

De início (1885) revelou-se já um jornalista de talento. E apareceu logo em seguida nos seus primeiros comentários políticos. Em janeiro revelou-se cronista político, em março polemista; e nesse campo seu adversário um antigo professor — Júlio Ribeiro. — Posteriormente, mais idôneo reconheceu que o mestre estava com a razão. A sua participação direta na vida cotidiana, iniciou-se em 1888. —

Em 1885 com a saída de Alberto Sales participou mais ativamente de administração e redação do jornal. —

Foi o único a se levantar e dizer da inconveniência de se tornar "A Província" órgão de um partido que se batia pela república. Quando de uma viagem à Portugal criticou a Academia Portuguesa que acabava de condenar "A relíquia" de Eça de Queiroz (espírito mais brilhante de Portugal) (J. Mesquita). —

Após sua chegada de Portugal tornou-se redator-gerente de "A Província".

A sua colaboração era assídua, principalmente na campanha da República. Era um portento, porém detestava o elogio, a notoriedade; "Quem escreveu esse artigo?" Foi o "Estado", um dos redatores" etc. —

Depois fez durante algum tempo, portando governo, mas abandonou o cargo para maior dedicação ao jornal. —

Em 2 de janeiro de 1890 apareceu "O Estado de São Paulo", em vez de "A Província de São Paulo". —

Em outubro de 1890 passou a ser propriedade da Companhia Impressora Paulista e no ano seguinte 1891 Júlio Mesquita tornou-se diretor efetivo do jornal. —

Quando do golpe militar de Deodoro, empenhou-se o jornal e criticou violentamente os adesitas. —

Em 1892, sofreu algumas reformas, melhorando sempre. —

nou-se correspondente de guerra do jornal. Prometeu colher notas para escrever uma obra, que mais tarde seria publicada. Euclides da Cunha era grande amigo de Júlio Mesquita e colaborava no jornal, quando aluno da Escola Militar. Júlio Mesquita plantava a semente de "Os Sertões" quando convenceu Euclides da Cunha a ir para os sertões baianos. Em 1897 Francisco Mesquita, pai do jornalista tornava-se co-proprietário do jornal. E o mesmo tempo o caso Dreyfus empolgava a pena de Júlio Mesquita. Olavo Bilac, Euclides da Cunha e outros colaboraram no "Estado", Júlio Mesquita publicou uma série de artigos sobre Joaquim Quirino dos Santos. —

Em 1898, morre o pai do jornalista, o fim do ano foi de luto. —

Jornal progride sempre. Em 1907 transformava-se a empresa numa Sociedade Anônima. —

Em setembro de 1908 Júlio Mesquita fez o necrológico de Machado de Assis. —

Foi o "Estado" o maior porta-voz da Campanha Civilista. —

E os anos se passaram. Durante a guerra mundial o "Estado" noticiava sempre em primeira mão. Júlio Mesquita organizou boletins semanais sob o título "A Guerra", dos quais existem alguns exemplares. —

Os feitos se sucederam e o "Estado" continuava informando o público e prosperava sempre. —

Em dezembro de 1915, iniciaram-se lições de jornalismo, como presente de natal aos verdadeiros intelectuais brasileiros. —

O jornal crescia, todos os fatos de importância eram por ele abordados. —

Sempre dirigido, administrado, incentivado pelo insigne brasileiro Júlio Mesquita.

Até 15 de março de 1927 faleceu o gigante — Júlio Mesquita

Na edição de 16 de março deu-se a dor que na alma de todos aqueles que labutavam junto a ele, de todos os que pertenceram ao "Estado" e a São Paulo.

A vida continuou sempre... a obra não cessa... prosseguirá e perpetuará a memória de que só fez bem, e criou algo de imenso. —

A vida passa, mas felizes daqueles que sabem construir... para o futuro... algo que os lembre...

JÚLIO MESQUITA LITERATO-JORNALISTA

Desde criança Júlio Mesquita demonstrou suas qualidades culturais. —

Tendo viajado, pequeno ainda para Portugal, lá aperfeiçoou o modo de falar, e na escola mais tarde (Brasil) chamavam-no "o portuguêsinho". —

Como jornalista foi um gigante. Seu estilo claro, limpo, demonstrava a independência de idéias que possuía, mesmo na juventude. —

Apreciava Renau, porque nele se via como num espelho. —

Escreveu crônicas belíssimas. E numa delas revelou o seu talento literário "Dia de Finados". —

"Não me apavora a morte nem me punge no coração a lembrança, para outros, pungentíssima, dos companheiros que nos abandonaram.

Quando da tragédia dos Canudos, Euclides da Cunha

começou a escrever artigos para o "Estado" que eram já uma previsão da obra "Os Sertões". Para ele existe Deus e isso... é o diabo! Há o corpo e há o espírito. Quanto ao corpo, levamos um morto ao cemitério e atiramos com ele para o fundo de uma cova. Depois procuramos esmagá-lo sob uma grossa camada de terra, como se quiséssemos escondê-lo para sempre, como se temêssemos que, algum dia, de novo nos nos possa surgir pela frente aquele concorrente que desapareceu. Mas a terra atraiçoa-nos. Voltamos para casa, respirando fortemente, como que aliviados de um peso enorme, e logo ela dá começo a seu constante trabalho de restituição, vomitando para o ar, desfeito em moléculas, o corpo que lhe pedíamos que comesse. Dentro em pouco, aqui está ele outra vez, na plena luz do dia, vivendo conosco, do mesmo ar que vivemos, hostilizando-nos hoje, protegendo-nos amanhã, no arroio sonoro e no mar encapelado e rugidor, na fera que nos ataca e no manso e paciente animal que nos alimenta, na pérola reluzente que nos seduz e na branca penedia que nos assombra. —

Os mortos não estão nos cemitérios. Estão conosco, toda parte onde estivermos, quase sempre dentro da nossa cabeça, no nosso coração. —

Júlio Mesquita fala da morte tal qual o fato se apresenta, de modo inevitável; e apesar de ser uma análise já feita há muitos anos atrás, perdurará sempre à posteridade pois a realidade persiste porque é única, imutável eterna. —

Não há dúvida quanto à originalidade de Júlio Mesquita. —

Falando sobre um tema difícil, triste, ele sabe como prender a atenção do leitor. Utiliza palavra simples, mas grande força de expressão. —

O que muitos sentem e gostariam de exprimir ele o faz naturalmente, e com maestria usando metáforas, comparações e outras figuras de linguagem. —

Júlio Mesquita, segundo A. Almeida Prado era: "breve e conciso na argumentação, vivaz na linguagem, preciso nas alegações e direto nas recriminações, como convém ao estilo profissional, a sua frase castiça e do melhor polimento vernáculo revelava o homem de letras que nele subsistia". —

Segundo Paulo Duarte os artigos de Júlio Mesquita se conheciam, porque? Porque eram escritos em bom português. —

Segundo Paulo Duarte foi Júlio Mesquita, grande amigo de Euclides da Cunha que plantou a semente de "Os Sertões", prevendo que seria uma grande obra da literatura brasileira, no futuro. —

Diz o Prof. Waldemar Ferreira: "Impessoal foi exatamente Júlio Mesquita"; a personalidade era se assim se pode dizer a de seu jornal a que se supunha. —

Júlio Mesquita foi jornalista exímio e insigne, defendendo sempre as idéias democráticas e da boa república; mas da boa democracia e da boa república; e com elas foi também grande político. Júlio Mesquita foi e continua a ser um gigante na sua arte, não só para os que o conheceram mas para os que o conhecem e o admiram através da leitura de sua vida e obras. —

Darci Leal Costa — 3.º ano clássico